

# Seminário de latino-americanos descarta recurso à moratória

por Carlos Lovizzaro de Campinas



Luiz Gonzaga Belluzzo

o Plano Baker, que a questão da dívida é política e que é preciso promover o crescimento dos países devedores, com o fornecimento de mais recursos", disse.

## "BRECHA"

A divergência dos europeus e norte-americanos sobre a questão do déficit público dos Estados Unidos é uma outra "brecha" que os países latino-americanos podem explorar, segundo a economista da Unicamp, Maria da Conceição Tavares. Uma postura conjunta no entanto, entende Conceição Tavares, não é possível no momento atual. "Hoje o que está em discussão é o destino individual de cada país e

## Bracher com Larosière

O presidente do Banco Central (BC), Fernando Bracher, encontrou-se ontem em Washington com o diretor-gerente do FMI, Jacques de Larosière, durante um almoço na sede da instituição. No final da tarde, Bracher avistou-se com o presidente do Federal Reserve (banco central) dos Estados Unidos, Paul Volcker. Bracher deverá permanecer ainda hoje na capital norte-americana e, amanhã, irá para Nova York, onde se juntará à sua comitiva o diretor da Área Externa do BC, Carlos Eduardo de Freitas.

Na quinta e na sexta-feira, o presidente do BC manterá encontro com o comitê assessor da dívida externa brasileira para discutir a prorrogação das linhas de curto prazo que vencem no dia 17 de janeiro. Bracher viajou no último final de semana acompanhado também do titular da Secretaria Especial de Controle das Empresas Estatais (Sest), Henri Philippe Reichstul, que espera em Washington a chegada do ministro do Planejamento, João Sayad, prevista para esta quarta-feira.

a sua capacidade de sobrevivência ante o ajustamento recessivo a que foi forçado. Negociações individuais mais ou menos vantajosas ainda são possíveis", relatou.

Dentro desta perspectiva, a economista da Unicamp vê a Argentina e o Brasil como as duas nações da região com melhores condições de auferir vantagens junto aos credores. "O Brasil, porque está conseguindo crescer, além de estar cumprindo com suas obrigações financeiras, e a Argentina, porque obteve

uma brilhante estabilização interna com o Plano Austral."

Se uma ação conjunta ante os credores não é possível no momento atual, o assessor econômico do Ministério da Fazenda brasileiro, Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo, propõe pelo menos a criação de um comitê para a troca de informações entre os devedores, sobre critérios e situações envolvidas em cada negociação. "A troca de comunicação é uma forma mínima de autodefesa dos devedores."

Uma ação complementar dos países devedores deve ser a exploração da retórica dos credores de negociar somente caso por caso. "Isso trará vantagens para os devedores", garantiu Roberto Frenkel, pesquisador do Centro de Estudos do Estado e Sociedade (Cedes), da Argentina, fonte de idéias básicas do Plano Austral.

## CASO A CASO

"Se cada caso é um caso, como querem os bancos credores, por que então o Fundo Monetário Internacional (FMI) quer aplicar a mesma política para todos os países?", questionou.

O Plano Austral teve sucesso de aceitação junto à comunidade internacional, de acordo com Frenkel, porque foi negociado diretamente com as autoridades norte-americanas. "Temos de falar com os patrões e não com os burocratas do FMI", disse.

Embora bem-sucedido no seu propósito de reduzir a inflação argentina de 30,5% em junho para 2,4% em novembro, o Plano Austral, reconhece Frenkel, não é aplicável pura e simplesmente aos demais países latino-americanos.

"O Plano Austral é uma ação drástica para recuperar a credibilidade da economia argentina, que tem na evasão de capitais metade da origem da sua dívida externa", completou.